



INDISCIPLINA NA ESCOLA E PRÁTICA DOCENTE

Érika Carolina Matias Lucatelli*

José Luiz Müller**

RESUMO

O presente artigo aborda a atuação da equipe pedagógica no controle da indisciplina no contexto escolar. Utilizou-se a pesquisa qualitativa através de Estudo de Caso em uma sala de aula da escola da rede pública do Município de Sinop - Mato Grosso. O objetivo foi compreender quais ações a escola assume diante da identificação de atitudes de indisciplina de seus alunos. A base teórica que fundamenta foi Celso Vasconcellos e Michel Foucault. Conclui-se que a equipe pedagógica da escola busca alternativas para buscar o controle disciplinar de seus alunos.

Palavras-chave: Equipe pedagógica. Ações. Controle disciplinar. Escola.

1 INTRODUÇÃO

O tema disciplina escolar tem estado muito presente nos diálogos e trabalhos que envolvem a educação em nosso País. Nota-se sua constante presença na sala de aula chamando a atenção de educadores, acadêmicos e comunidade em geral para a discussão do assunto. Neste trabalho será tratado o conceito de indisciplina, bem como o fator motivador do surgimento dessas atitudes em sala de aula e apresentar ações que possam ajudar no combate à indisciplina.

2 CONCEITUANDO (IN)DISCIPLINA

* Graduanda de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudo do Professor Me. José Luiz Müller. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID - CAPES/MEC).

** Mestre em Educação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

Primeiramente há uma necessidade de esclarecer o conceito de indisciplina que pode parecer óbvio para alguns, mas implica algumas discussões acerca do tema para o desvendamento das suas facetas. Müller (2001, p. 38) traz uma definição que elucida não somente o conceito indisciplinado, mas também o conceito de disciplinado: “O disciplinado é aquele que cumpre a lei do grupo e que segue um comportamento padrão. Já o indisciplinado é aquele que atenta contra a “ordem pública”, ou contra a ordem de determinado grupo social”.

Essa fala explana uma definição básica: disciplina é a obediência às regras. O indisciplinado neste contexto é aquele desobedece as regras de uma coletividade, entendido como um “atentado”, uma ofensa ao grupo que pertence. Essa coletividade pode ser o espaço discutido neste trabalho, a escola ou a sala de aula de uma escola, logo toda a regra que pertence a ela, se for transgredida se torna indisciplina. Mas cada escola tem suas próprias regras que devem estar registradas em seus planos pedagógicos, além disso, cada professor tem sua própria metodologia, para tanto define as regras da sala baseados em seu conhecimento pedagógico. Sendo assim cada professor possui uma visão sobre indisciplina a partir da desobediência a suas regras, ou em outras palavras, determinada atitude de um aluno em sala pode ser vista como indisciplina por um determinado professor e por outro não, podemos dizer ainda que indisciplina pode ser considerada um ponto de vista.

Müller aponta a indisciplina como um problema que compromete a aprendizagem quando o professor pretende desenvolver sua aula e oportunizar as aprendizagens (2001, p. 38). É nestes momentos que aparecem a gestão de classe que basicamente consiste nas regras necessárias para a aprendizagem. (MÜLLER, 2001, p. 39).

Existem comportamentos que, de uma forma geral, os professores podem relacionar à indisciplina como “a presença de drogas, as conversas laterais, os namoricos em sala, a falta de respeito com os professores e colegas, o desinteresse pelas aulas e a fuga delas.” (MÜLLER, 2001, p. 24). Ainda segundo Müller, o autor conclui através de suas pesquisas que na visão dos professores, a indisciplina pode estar relacionada a vários fatores “como o descaso dos pais, a influência da sociedade e dos meios de comunicação social, a condição social dos educandos, as drogas, além de outros fatores, como o autoritarismo e a incompetência dos professores, a estrutura da escola” (p. 25)

Da mesma forma como uma situação pode ou não ser vista como indisciplina a partir dos pontos de vista da individualidade de cada professor, diferente também são as maneiras de lidar com ela.

3 A ATUAÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA

A equipe pedagógica exerce diversas ações para o controle da indisciplina escolar. Estas, por sua vez, podem ser distintas ao compararmos escolas. Para compreender essas ações precisamos analisar as relações de poder do professor em relação ao aluno. Nessa perspectiva das relações de poder, Michel Foucault discute com muita propriedade o tema quando afirma as relações de poder que a escola (estado) exerce sobre as crianças (sociedade):

Com maior certeza e mais imediatamente, porém, significa um esforço para ajustar os mecanismos de poder que enquadram a existência dos indivíduos: significa uma adaptação e harmonia dos instrumentos que se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância... (FOUCAULT, 1987, p. 66).

As relações de poder podem ser de autoridade ou autoritarismo por parte do professor. Nesta perspectiva, o professor se utiliza do poder autoritário caracterizado por ações como não permitir que o aluno faça algo de sua vontade ou necessidade, não lhe é permitido escolhas ou sugestões. Assim “Constatamos que muitas vezes os problemas de indisciplina são encarados de forma autoritária pela escola, que procura simplesmente reprimi-los.” (VASCONCELLOS, 2010, p. 74).

A partir daí tudo o que sair do que é considerado um comportamento inadequado pelo professor, ou seja, a indisciplina vai requerer alguma providência, afinal se não houver nenhuma punição será considerado como uma abertura para os outros alunos quebrarem as regras, ou seja, a intenção das ações disciplinares é “impedir qualquer aparecimento posterior de um e outro” (FOUCAULT, 1987, p. 79).

É neste ponto que entram os castigos e punições. O castigo serve não só para punir o aluno pelo seu comportamento, mas também para deixar claro que determinada atitude é reprovada pelo professor e/ou a escola, que existe um padrão de comportamento a ser seguido e que todos devem se enquadrar nele.

Nesta perspectiva, segundo Foucault (1987, p. 149) com o aparecimento de uma ação indesejada do aluno, podendo ser uma “mínima coisa”, aparece “a título de punição” providências que podem ser “privações ligeiras e a pequenas humilhações” e por punição “deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentir a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las [...]”. Essas punições são chamadas pelo autor de penalidade disciplinar que é “a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios”.

4 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo é o estudo de caso com análise qualitativa dos dados. O estudo de caso será através de cinco dias de observação em uma sala de aula de uma escola Municipal de Educação Básica do município de Sinop - Mato Grosso e entrevista semi-estruturada com a professora regente da turma.

Objetivando através deste método observar situações de indisciplina na sala de aula e as ações disciplinares da professora. A “observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, [...] a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno” (ANDRÉ; LUDKE, 1986, p. 26)

Justifica-se a escolha entrevista semiestruturada com perguntas abertas por proporcionar a coleta de dados mais ampla e completa a partir da fala do entrevistado.

4 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica Lizamara Aparecida Oliva de Almeida, Sinop - Mato grosso. A sala de aula observada foi um 2º Ano do Ensino Fundamental onde a professora permitia uma maior liberdade de movimentos e conversas dos alunos quando concluíssem suas atividades e fosse corrigida por ela. A Educação Física é lecionada pela professora regente e permite às crianças trazerem brinquedos que são usados nesta aula ou nos momentos de interação após o término das atividades. Em dado momento nas observações registrei três situações que se enquadram em três tipos correções feitas pelos professores de acordo com Belsky. Estas foram registradas como observação número um, dois e três da pesquisa de campo relacionada à culpa, vergonha e indução respectivamente.

Observação número um da pesquisa de campo:

Uma aluna escrevia algo no caderno, a professora disse:

(01) Professora: Você não pode fazer isso. Eu tô chateada por que você está fazendo isso.

Esta situação se enquadra como o que a autora chama de culpa que “é a emoção que sentimos quando violamos um padrão moral pessoal ou ferimos outro ser humano”

(BELSKY, 2011, p. 162). A professora conduz a aluna, por meio de suas palavras, a perceber que ela cometeu um erro e que decepcionou a professora quando não correspondeu às expectativas esperadas por ela assim, “a culpa nos aproxima das pessoas. Sentimo-nos muito mal pelo que fizemos. Tentamos nos desculpar e fazer correções” (2011, p. 163). Ainda segundo Belsky, a criança percebe que precisa corrigir seu erro e aprende com o mesmo.

Observação número dois da pesquisa de campo:

Um aluno disse que a mesa cheirava a cuspe, mas a professora o repreendeu:

(02) Professora: Ai que nojo. Eu não acredito que você disse que isso tem cheiro de cuspe.

A criança aparentou uma ficar com um pouco de vergonha.

Nesta situação aparece a vergonha como método de correção, que “é o sentimento que temos quando somos pessoalmente humilhados” (BELSKY, 2011, p. 162). Mas, segundo a autora, esse método não contribui para a compreensão do erro da criança por que com a vergonha “nos sentimos furiosos por sermos humilhados e queremos revidar” (2011, p. 163).

Observação número três da pesquisa de campo:

Um pequeno grupo de meninos conversava e ria muito, mas não consegui ouvir sobre o que falavam. A professora percebendo algo que merecia correção nos diálogos deles disse:

(03) Professora: Tudo que eu ouvi vocês falando hoje é tirando sarro dos outros. Isso não é respeitar o colega.

Com essa advertência eles não repetiram essa atitude naquele dia. Esta fala da professora nos leva a um método chamado de indução onde o educador conduz cuidadosamente a questão ética do cuidado com o outro (BELSKY, 2011, p. 161-162):

A indução é eficaz por diversos motivos: ela oferece às crianças um retorno exato sobre o que elas fizeram de errado. Ela as faz transferir o foco em sua própria punição [...] para o sofrimento da outra criança [...] Mais importante, a indução permite reparações, a chance de fazer correções. A mensagem final é que a indução funciona, porque ela estimula uma emoção importante: a culpa. (BELSKY, 2011, p. 162).

As seguintes observações compõem ações disciplinares que partem da professora que se enquadram em combinados entre as crianças e a professora e permissão de movimento, como aborda Vasconcellos.

Observação número quatro da pesquisa de campo:

No momento da leitura do dia uma criança apresentava com fantoches e outras conversavam. A professora disse:

(04) Professora: Eu não estou obrigando ninguém a ficar aqui. Quem não quiser ficar pode sentar no seu lugar, mas não é pra ficar atrapalhando o colega.

Podemos perceber que a professora levou em consideração o desinteresse de alguns alunos pelo teatro, respeitando também os alunos que queriam assistir à apresentação, atendendo assim aos diversos interesses da turma. Vasconcellos (2010, p. 96) destaca que o professor deve estar atento em sua proposta de trabalho onde seja “vinculada as reais necessidades dos alunos” através de um “conteúdo significativo e metodologia participativa”. A professora permitia que andassem livremente pela sala desde que também ou após terminarem as atividades propostas, desta forma foi “levada em conta a necessidade de **atividade do educando**. A criança, em fase de crescimento e desenvolvimento, precisa de participação ativa, de movimento” (VASCONCELLOS, 2010, p. 78, grifo do autor).

5 ANÁLISE DOS DADOS:

Após a observação foi necessário compreender o que a professora entendia por indisciplina e quais medidas adotava para disciplinar seus alunos:

Entrevistador: O que você entende por indisciplina?

(05) Professora: [...] quando você não tem respeito pelo seu colega, pela sua professora. [...] tanto o respeito físico como o respeito oral...

Entrevistador: Quais medidas você usa para controlar/ amenizar a indisciplina na sala de aula?

(06) Professora: Bom, primeiro a gente conversa. Conversa uma, conversa duas, conversa três. Tenta colocar pra ele que aquilo que ele está fazendo é errado. Depois que você conversou, você viu que não resolveu daí a gente tem que tomar uma atitude. Ou então você vai levar pra coordenação direção, né? Que eu não gosto muito de levar, por que eu não vejo assim... muito retorno disso. Depois você pode tirar uma aula de Educação Física,

você pode tirar uma aula de informática, né! Vê o que que ele tá perdendo por causa daquela indisciplina dele [...] mas faltando uns cinco dez minutinhos antes de acabar aquilo eu deixo, vô lá tenho uma conversa séria: - Oh, tá vendo o que você tá perdendo! Vamos combinar que se você não fazer mais isso e aí eu deixo fazer aquilo que ele perdeu até aquele momento. É, outra coisa, se eu vejo que depois de tudo isso não resolveu, daí eu tento chamar os pais. Tem coisas que a gente consegue resolver com uma conversa, tem coisa que a gente consegue tirando alguma coisa do aluno, tem coisa que a gente consegue resolver na direção, tem coisa que a gente consegue resolver com os pais e tem coisa que a gente não vai conseguir resolver.

Vemos na fala da professora que ela segue basicamente quatro passos: 1. Conversa com o(s) aluno(s); 2. Tira uma aula prazerosa do(s) aluno(s); 3. Participação da direção e 4. Interação com os pais.

No primeiro passo que a professora procura conversar com seus alunos e repete a conversa várias vezes de forma que o aluno possa compreender seu erro. “A atitude de diálogo é fundamental para a superação dos problemas de indisciplina” (VASCONCELLOS, 2010, p. 111).

No segundo passo ela sente a necessidade de agir, pois a conversa não surtiu efeito e faz isso tirando um dos momentos mais prazerosos da aula para as crianças: a Educação física e as aulas no Laboratório de Informática. Para ilustrar a fala da professora reporto-me à um fato observado: Na sala de aula a maioria das crianças começaram a conversar mesmo sem ter concluído as atividades. A professora percebendo a movimentação e conversa em tom alto das crianças, advertiu- os:

(07) Professora: Deixa eu anotar o nome, no quadro, de quem não vai para a educação física!

Ao ouvir isto todos sentaram e ficaram em silêncio, pois esta e todas as demais disciplinas são ministradas pela professora regente da sala.

Ao analisarmos essa situação vemos duas proposições de ação, onde o aluno disciplinado participa das aulas prazerosas e o indisciplinado, como punição, não participa. Vasconcellos (2010, p. 116) afirma que o professor não deve se basear no ‘prêmio-castigo’, mas sim em ações educativas mais apropriadas como: “aproximação,

diálogo, investigação das causas estabelecimento de contratos, abertura de possibilidades de interação no grupo, [...].”

No terceiro passo é buscar uma solução junto à coordenação e direção da escola, pois estes são partes fundamentais na ação pedagógica da escola.

Já no quarto passo a professora, quando a escola já esgotou suas possibilidades de ação, procura a interação dos pais. Ainda segundo Vasconcellos, autor discorre acerca do trabalho com a família: “A escola precisa investir no trabalho de formação e conscientização dos pais. Devemos esclarecer aos pais a concepção de disciplina na escola, de forma a minimizar a distancia entre a disciplina domiciliar e escolar.” (VASCONCELLOS, 2010, p. 79).

Entrevistador: Essas medidas funcionam?

(08) Professora: Funcionam. Assim, até hoje, eu tive um aluno que não funcionou, (risos). Em oito anos assim, eu tive um aluno que não funcionou. Mais aí depois ele foi encaminhado, ele tomava remédio três vezes ao dia, ele era muito hiperativo, né? Ele teve laudo médico [...].

Segundo a professora essas medidas são eficientes no controle da indisciplina escolar, onde sua única exceção foi um aluno hiperativo. Para tanto também devemos analisar a questão do planejamento de aulas, fator fundamental como mecanismo de prevenção à indisciplina escolar:

Entrevistador: O seu planejamento de aulas é elaborado levando em consideração a atenção/interesse do aluno?

(09) Professora: Sim. Na verdade você tem que planejar em cima, tentando atingir: Ah, o aluno vai gostar dessa atividade? O que que a gente vai aprender? [...] mas eu procuro sempre olhar o lado deles e que eles gostem daquilo que estão fazendo.

A indisciplina pode estar diretamente ligada ao desinteresse do aluno, pois quando o aluno está desinteressado ele tende a procurar outras coisas que possam distraí-lo, desta forma ele pode ter comportamentos considerados pelo professor como indisciplina.

6 CONCLUSÃO

Ao observar os dados da pesquisa e os fundamentos teóricos a partir dos autores, conclui-se que a professora da turma observada possuía métodos para disciplinar seus alunos, que na opinião da mesma são eficientes. Ao mesmo tempo as conversas laterais e brincadeiras das crianças não eram vistas como indisciplina, mas como um comportamento natural considerando a idade dos alunos. Alguns métodos apresentados por teóricos proporcionam aos professores condições ideais para a ação pedagógica buscando inibir a indisciplina, dentre eles, o diálogo com o aluno, que se torna fundamental, pois ele é o principal sujeito dessa ação.

INDISCIPLINE IN SCHOOL AND TEACHING PRACTICE

ABSTRACT¹

This article discusses the performance of the pedagogical team in control of the indiscipline in the school context. It was used qualitative research through case study in a classroom of a public school in the city of Sinop-Mato Grosso. The objective was to understand what actions the school takes on the identification of attitudes of indiscipline of his students. The theoretical basis on which was Celso Vasconcellos e Michel Foucault. It is concluded that the pedagogical team of the school seeks alternatives to get the disciplinary control of their students.

Keywords: Pedagogical team. Actions. Disciplinary control. School.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

BELSKY, Janet. Desenvolvimento socioemocional. In: OLIVEIRA, Leonardo P.; BROTHEHOOD, Rachel de M. (Orgs). **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

¹ Tradução realizada pela Patrícia Aparecida da Silva (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

MÜLLER, José Luiz, **Disciplina/ Indisciplina no cotidiano escolar**. Ijuí: Ed. Unijui, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 2010.

PROFESSORA. **Professora:** depoimento. [21. Jun. 2014]. Entrevistadora: Érika Carolina Matias Lucatelli. Sinop, MT. Áudio 2,0 MB. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre As implicações da atuação da equipe pedagógica no controle da indisciplina escolar.